

RESPOSTAS DE EDUCADORES SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao refletir sobre seus primeiros anos na escola regular, uma jovem adolescente surda escreveu:

“Na 1ª preimeira série eu foi na escola outra cidade que era eu morava. Só uma professora melhor legal. Na 2ª segunda série também melhor legal.

Na 3ª terceira série que eu estudava quando era eu fiquei muito triste mas por que a professora ela muito brava. Nunca conversa comigo. Por que eu sou surda. Ninguém a professora não gosta, fim do ano de 1993 eu não passei e fiquei com repetiu eu estudar de novo na 3ª série.”

Este texto de Edimeire, aluna com surdez de grau severo que atualmente frequenta a 7ª série de uma escola da rede pública em Campinas, faz parte de uma redação maior na qual ela fala sobre a sua condição singular de aluna surda numa classe de crianças ouvintes. No decorrer de sua trajetória escolar, ela tem enfrentado o desafio de cumprir com as obrigações que a escola lhe impõe e de se fazer entender; com altos e baixos, Edimeire vem tentando acompanhar seus pares no percurso do ensino fundamental. Na sua redação, ela ilustra questões difíceis vividas por muitos alunos surdos: o isolamento, a repetência, a dificuldade para se apropriar de um conteúdo transmitido primordialmente numa dimensão verbal (oral e escrita).

Revela também que, apesar do suporte que recebeu por meio de um programa especial de apoio escolar e das sessões de terapia fonoaudiológica, sua escrita em português, embora perfeitamente compreensível, ainda se distancia lingüisticamente do padrão esperado para sua faixa escolar. O domínio da leitura e escrita da língua portuguesa é de tamanha importância para o sucesso na escolarização que diversos autores vem se empenhando em aprofundar os nossos conhecimentos sobre a produção escrita de alunos surdos, numa abordagem lingüística. Citamos, entre os docentes/ pesquisadores que têm se preocupado com o fenômeno da escrita de alunos surdos, autores como GESUELI (1998), que estudou processos iniciais de alfabetização, e também GÓES (1996) e SOUZA (1998), que investigaram a produção escrita de adolescentes.

Com base em relatos negativos de surdos que freqüentaram a rede regular de ensino, várias autores, entre eles SKLIAR (1998), SÁ (1997) e PERLIN e QUADROS (1997), defendem o direito do surdo a uma escolarização que considere primordialmente as suas necessidades lingüísticas e psicossociais. Propõem que a educação do aluno surdo se dê num contexto que congregue surdos de tal forma que seja possível promover a aquisição da Libras (Língua Brasileira de Sinais), possibilitando, também, a construção de uma identidade e cultura surdas.

A despeito da relevância desta posição, neste presente trabalho não nos propusemos a polemizar sobre a inclusão do surdo na rede regular de ensino *versus* a inserção do aluno surdo em instituições especializadas ou em escolas regulares para surdos. Isso porque nosso trabalho partiu de outra perspectiva, qual seja: a realidade vivida por alunos surdos em vários municípios do interior de São Paulo. Em Campinas, se um aluno surdo pretende receber o Certificado de Conclusão da Escola Fundamental, ele obrigatoriamente terá que se matricular numa escola da rede comum de ensino, já que as três escolas especiais para surdos deste município só chegam até a 4ª série do Ensino Fundamental.

Nesse município, as opções para as famílias que valorizam o diploma do E.F. são restritas: inclusão na rede regular ainda durante o período pré-escolar; inclusão depois de garantir, na escola especial, os fundamentos de linguagem e alfabetização; ou matrícula no Ensino Supletivo, mais tarde, na adolescência. Diante das posições antagônicas de profissionais e especialistas sobre o melhor ambiente para a educação do surdo, a decisão por colocar o filho na escola especial ou no ensino regular vem angustiando muito as famílias, já que é preciso pesar os ganhos nas áreas sócio-afetiva e de linguagem que a criança poderá ter na escola especial contra os benefícios da possibilidade de cursar o ensino fundamental em ambiente menos segregado, do conteúdo curricular menos pasteurizado do que se oferece nas escolas especiais e do direito a certificado de conclusão do curso. Nenhum dos dois caminhos representa uma trajetória tranqüila: o domínio da língua de sinais e a alfabetização plena não estão necessariamente garantidos na escola especial, de um lado, e a experiência escolar na rede comum de ensino nem sempre é bem sucedida, do outro.

Estudos estatísticos como o realizado por professores da Faculdade de Educação da Puc-Campinas (TORQUATO et al., 1996), por exemplo, que apresenta a distribuição de

alunos surdos em escolas estaduais do ensino fundamental e médio nas quatro Delegacias Regionais de Ensino do Município, revelam que mesmo antes das determinações da Nova LDB, alunos surdos estavam freqüentando as escolas estaduais. Os dados coletados nas escolas evidenciam, também, um preocupante índice de estrangulamento, principalmente nas passagens para as séries do segundo e terceiro ciclos.

TABELA 1

Distribuição de alunos deficientes auditivos por níveis de ensino e modalidades de educação especial¹

Níveis e modalidades	Número de alunos d.a.	Porcentagem
Classe especial	15	10,3
Sala de recursos	12	8,3
1ª a 4ª série	74	51,1
5ª a 8ª série	39	26,9
Colegial	5	3,4
Total	145	100

A produção do desenho animado “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo”

Em 1997, quando o projeto de produção do vídeo “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo”² foi elaborado, consideramos, então o quadro de realidade percebido no contexto de orientação de estágios em educação especial e investigado quantitativamente nas Delegacias Regionais de Ensino de nosso município: um número significativo de crianças surdas se encontravam matriculadas nas escolas públicas. A maioria dos professores do ensino básico não tinha preparo para atuar pedagogicamente com essa clientela e, como consequência, os prejuízos educacionais e sócio-emocionais para o aluno surdo eram marcantes. Propusemo-nos a desempenhar um papel de mediação, levando à escola a perspectiva do próprio aluno surdo por meio de um filme em desenho animado que mostrasse à escola 1) como o surdo estava percebendo o cotidiano escolar e 2) o que ele

¹ Dados referentes a respostas de 50% das escolas das 4 Delegacias Regionais de Ensino de Campinas em 1995.

² O projeto de produção e distribuição do vídeo “Professor aqui quem fala é seu aluno surdo” foi realizado pela Faculdade de Educação da Puc-Campinas, com a colaboração do Programa de Apoio à Escolaridade do

gostaria que mudasse na atuação pedagógica dos professores. Desta forma, nossa intenção era produzir um instrumento de reflexão, para que a escola pudesse rever sua prática a partir da ótica do principal interessado: o aluno surdo.

Fundamentamo-nos na concepção de que *o aluno é sujeito de seu próprio processo escolar* (FREIRE, 1997), com possibilidades de indicar ao professor quais são as suas necessidades mais prementes. Alguns autores, como BELLÈS (1995) e LUCHESI (1997) têm escrito recentemente sobre a surdez na linha da história de vida, contribuindo com um suporte bibliográfico para o nosso projeto. Com base na ideologia mencionada acima, produzimos o filme de animação “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo”, construído a partir de depoimentos coletados ao longo de vários meses com um grupo de adolescentes surdos matriculados na rede comum de ensino em Campinas e região.

Para determinar o que seria incluído no roteiro, (que não foi estipulado de antemão, mas foi gerado a partir da coleta de depoimentos), houve um processo de seleção das colocações dos adolescentes, considerando, entre outros critérios, a relevância, a eloquência e a possibilidade de representação pictórica de cada uma. As cenas do filme foram construídas tendo como base a produção plástica de um grupo de crianças surdas (idades entre 8 e 13 anos), que participou durante um ano de oficinas de animação³ e aulas de arte. O roteiro do filme⁴ foi estruturado na seqüência de blocos que segue abaixo:

- 1) abertura
- 2) apresentação de alunos surdos, da escola, dos diferentes graus de perda auditiva
- 3) as primeiras vivências na escola
- 4) atuação do professor em sala de aula
- 5) estratégias de sobrevivência do aluno surdo e sugestões para a escola
- 6) créditos

Produzimos um filme curto com 12 minutos e 20 segundos de duração, que **não** traz uma didática do ensino do surdo e **não** apresenta uma metodologia fechada para trabalhar

Cepre-FCM da Unicamp, com o apoio do Programa Crer para Ver, uma iniciativa da Fundação Abrinq pelos Direitos da Crianças e da Natura Cosméticos.

³ As Oficinas de Animação foram promovidas pelo Núcleo de Cinema de Animação de Campinas no espaço do Cepre-FCM, Unicamp.

⁴ O roteiro completo com as falas selecionadas que inspiraram as soluções em linguagem visual consta no Anexo 1 e auxilia na compreensão das respostas dos educadores que participaram deste estudo.

com essa população; busca, sim, instigar o professor a conversar com seus pares e olhar seu aluno surdo sob outra ótica, ouvindo suas queixas e sugestões. Consonante com a ideologia que norteou a produção do filme, concebemos o professor, por sua vez, como alguém capaz de refletir sobre sua própria prática docente. Nos termos de António Nóvoa (1995), o *professor reflexivo* participa ativamente da sua formação continuada, sem ser instruído e treinado diretamente por outros acima dele na hierarquia administrativa e acadêmica.

Respostas de educadores sobre a fita

O objeto do presente trabalho é a análise das respostas dos educadores a questões relacionadas com a inclusão do surdo na escola regular, como devolutiva instigada pela apresentação do filme na escola.

Logo após o lançamento do filme em março de 1999, distribuímos 1000 cópias da fita “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo” gratuitamente a escolas estaduais e municipais de ensino fundamental, sendo 50% em Campinas e as restantes em outros municípios do Estado de São Paulo e Minas Gerais. Também atingimos alguns municípios de outros estados que solicitaram o material. A distribuição das cópias nas escolas ficou a cargo das secretarias municipais e das delegacias estaduais de ensino, que também cuidaram de nos remeter os questionários preenchidos pelos educadores.

Recebemos até o momento cerca de 1200 questionários preenchidos por professores de escolas da rede regular. Selecionamos para análise comparativa 600 questionários preenchidos por professores das redes municipal e estadual após assistirem à fita de vídeo “Professor, aqui quem fala é seu alunos surdo”. A análise dos dados contidos neste material nos permitiu realizar uma avaliação preliminar do impacto do vídeo em professores da rede regular de ensino, além de revelar as atitudes deste grupo de educadores sobre a inclusão do aluno surdo e sobre a língua de sinais.

Este estudo é baseado em respostas de professores de escolas municipais de Minas Gerais (Itaúna e Belo Horizonte) e escolas estaduais de São Paulo (da região de Americana e Piracicaba). No caso destes municípios, as secretarias municipais e delegacias de ensino entraram em contato com a coordenadora para solicitar a doação de vídeos para as suas escolas, depois de se informarem do trabalho por meio da imprensa (jornais e televisão). Como contrapartida, solicitou-se aos municípios uma devolutiva: deveriam promover uma reunião com seus professores para que o assistissem, conversassem a respeito e

responderem um questionário individualmente. O questionário contém perguntas abertas sobre as cenas mostradas, pedidos de sugestões sobre informações não incluídas no vídeo e perguntas direcionadas à reflexão do professor com relação à inclusão do aluno surdo no ensino regular e à língua de sinais.

Analisamos 600 questionários de educadores, sendo 300 da rede estadual do Estado de São Paulo e 300 da rede municipal do Estado de Minas Gerais. Os questionários foram lidos e classificados, e os dados foram cruzados com variáveis como faixa etária, cargo na escola e experiência no ensino do aluno surdo.

Perfil dos educadores

TABELA 2
Distribuição de profissionais por função na escola

Função	Escola estadual	Escola municipal	Total	
Professoras (feminino)	277	262	539	89,8%
Professores (masculino)	8		8	1,3%
Monitoras	4	10	14	2,4%
Funcionárias	5	1	6	1%
Coordenação	6	27	33	5,5%
Total	300	300	600	100%

Com relação à função dos educadores que assistiram ao vídeo, observa-se a presença de 8 professores do sexo masculino na rede estadual (os quais atuam nos níveis de ginásio e ensino médio), ao passo que no ensino municipal, não constam educadores do sexo masculino. Uma escola estadual convidou funcionários para assistir ao filme (merendeira, faxineira, inspetora de alunos, por exemplo), o que nos pareceu muito interessante, já que no cotidiano escolar, o aluno surdo tem contato com **todos** que trabalham na escola e não apenas com os professores propriamente ditos. A funcionária do ensino municipal que participou é bibliotecária.

TABELA 3

Distribuição dos educadores por nível e modalidade escolar

Ensino	Escola estadual	Escola municipal	Total	
Educação especial	16		16	2,9%
Pré-escola		75	75	13,4%
Pré e fundamental	2	4	6	1,1%
1ª a 4ª série	227	186	413	74,3%
Fundamental (1ª a 8ª série)	17	4	21	3,8%
Fundamental e médio	22		22	4%
Médio	3		3	0,5%
Total	287	269	556	100%

Neste item, os educadores da rede municipal e estadual se diferenciam porque o ensino municipal inclui um número significativo de educadores de pré-escola, ao passo que entre os professores de escolas estaduais, há diversos educadores que atuam no nível ginásial e médio, bem como no supletivo. Também há, entre os educadores da escola estadual, professores que atuam na educação especial (classes especiais e salas de recursos), a maioria trabalhando na área de deficiência mental.

TABELA 4

Distribuição de educadores por faixa etária

Idade	E.E.	E.M.	Total	
20 a 29 anos	26	100	126	21%
30 a 39 anos	135	139	274	45,7%
Mais de 40 anos	139	61	200	33,3%
Total	300	300	600	100%

Esta tabela mostra uma diferenciação na distribuição de educadores por faixa etária ao compararmos as escolas estaduais e municipais, pois os educadores da rede municipal tendem a ser mais jovens do que os da rede estadual. Os dois grupos são quase equivalentes na faixa etária de 30 a 39 anos de idade, mas há poucos profissionais estaduais

na faixa etária de 20 a 29 anos, contra 1/3 dos educadores da rede municipal. A maior concentração se encontra na faixa de acima de 40 anos de idade para as escolas estaduais.

TABELA 5
Experiência com aluno surdo

Experiência	E.E.		E.M.		Total	
Trabalha atualmente	35	11,7%	13	4,3%	48	8%
Já trabalhou anteriormente	55	18,3%	38	12,7%	93	15,5%
Nunca trabalhou com surdo	210	70%	249	83%	459	76,5%
Total	300	100%	300	100%	600	100%

Os dados sobre experiência anterior com surdo são bastante reveladores. Tanto no caso dos educadores estaduais quanto dos municipais, a maioria dos educadores não têm experiência de trabalho com aluno surdo, sendo que o estado tem proporcionado maior oportunidade de contato com esta clientela do que os municípios em questão. No entanto, quando somamos os dados sobre experiência atual com experiência anterior, vemos que um terço dos educadores do estado já viveu ou vive atualmente a experiência de atuar pedagogicamente com aluno surdo, o que é um número bastante significativo. No caso dos municípios que participaram, o número é menor, mas ainda importante (17%). Com isso, pode-se concluir que, a despeito de estarem ou não preparados para atuar com o aluno surdo, este desafio representa uma possibilidade concreta na trajetória profissional de muitos professores da rede pública.

Processo de classificação das questões

O questionário continha perguntas que marcavam três eixos de investigação:

- 1) o conteúdo do filme;
- 2) avaliação do filme, de sua linguagem artística;
- 3) posição pessoal do educador frente à inclusão / integração e à língua de sinais.

Para esta apresentação, selecionamos apenas as questões abaixo para análise, diante da quantidade excessiva de dados a discutir.

- Qual a cena que você mais gostou?
- Dê sua opinião sobre este vídeo em desenho animado.
- Como você vê a integração/inclusão do aluno surdo no ensino regular?

- Como você se sente frente à língua de sinais?

Sobre a avaliação do filme e das cenas

No geral, a avaliação do filme foi bastante positiva, como se percebe na Tabela 6. De um lado, foram comentados a criatividade, o colorido, os sons e as falas, e o fato de as crianças terem participado da produção. De outro, os educadores apontaram críticas variadas, entre elas: o filme era muito curto, os desenhos muito infantis, o vídeo não aprofundava a questão da surdez, não trazia conteúdo prático, não focalizava o ponto de vista do professor. A principal queixa foi de educadores que não gostaram da linguagem artística do desenho animado, preferindo cenas da vida real, entrevistas com profissionais de saúde, médicos, especialistas no atendimento à surdez, depoimentos de professores numa sala real com 40 alunos. Percebeu-se claramente que os professores de algumas escolas pensavam que a fita estava vinculada a algum programa do governo que pretendia dar início à inserção de crianças surdas na escola regular, sem preparar a escola ou o professorado anteriormente. Nestes casos houve uma rejeição explícita ao vídeo como se a fita representasse a determinação do governo por intermédio da nova LDB de obrigar a escola a receber alunos surdos na escola, independentemente do preparo e disponibilidade do professor para lidar com essa clientela.

TABELA 6

Opinião de educadores sobre o vídeo

Opinião	Nº de respostas	%
Opinião positiva	436	72,7%
Opinião positiva com algumas críticas	39	6,5%
Opinião negativa	50	8,3%
Quer cena real	51	8,5%
Não se posiciona	24	4,0%
Total	260	100 %

Houve grande variedade nos questionários quanto às cenas preferidas, e em muitas instâncias, não foi possível identificar a cena descrita pelo educador. Cabe observar que os profissionais de cada escola tendiam a escolher a mesma cena como a preferida, possivelmente porque houve discussão em grupo, influenciando as respostas individuais.

De antemão, previmos que o fato de ocorrer a discussão do filme antes do preenchimento dos questionários influenciaria as respostas, mas consideramos que a prioridade para este projeto era a reflexão conjunta entre educadores, mais do que os prejuízos da contaminação das respostas escritas.

As cenas mais citadas estão quantificadas na Tabela 7.

TABELA 7
Cenas preferidas pelos educadores

Filmagem em cena real de menino surdo ensinando palavras em Libras	140 referências
Cena metafórica na qual bolinhas de gude representam alunos; o aluno surdo não ouve o sinal do recreio e demora a sair da sala.	100 referências
Professora de português dá aula (animação com bonecos de massinha)	71 referências
Cena de ditado quando o aluno surdo estica seu pescoço para copiar a lição do colega.	31 referências
Grau de surdez	22 referências
Nome da professora	19 referências

É interessante perceber que as cenas que mais mobilizaram os professores foram as diretamente ligadas às situações práticas de ensino em sala de aula.

Os professores citaram vários aspectos que eles gostariam que tivessem sido abordados ou mais aprofundados. Cabe observar aqui que o que mais foi solicitado, como se pode observar na Tabela 8, foram dicas de prática pedagógica, além de o desejo por informações sobre comunicação, língua de sinais e leitura labial.

TABELA 8
Aspectos e temas mais solicitados pelos educadores

Aspectos e temas citados	Nº de citações
Prática pedagógica	292
Comunicação; língua de sinais; leitura labial	57
Informações técnicas sobre área de surdez	52

Depoimentos de especialistas	47
Aprofundamento maior do filme	29

Atitudes frente à inclusão

As respostas para esta questão denotam que há poucos educadores plenamente a favor da inclusão do aluno surdo, ao menos entre os participantes desta pesquisa. No entanto, é interessante perceber na tabela que cruza faixa etária e atitude que o índice proporcional de educadores contra a inclusão aumenta muito na faixa etária de acima de 40 anos, em comparação com o outro polo pesquisado (20 a 29 anos). Este fator (idade) parece influir mais do que o da experiência anterior com aluno surdo na sala de aula, embora este fator também se mostra significativo (ver Tabela 10).

TABELA 9

Atitudes de educadores sobre a inclusão do aluno surdo (por faixa etária)

Faixa etária	Escola Estadual				Escola Municipal				Total				total
	F	R	C	I	F	R	C	I	F	R	C	I	
20 a 29 anos	2	13	9	2	25	43	30	2	27	56	39	4	126
30 a 39 anos	22	43	69	1	19	70	50		41	113	119	1	274
+ de 40 anos	16	43	80		15	26	20		31	69	100		200
TOTAL	40	99	158	3	59	139	100	2	99	238	258	5	600

F= a favor; R= com restrições; C= contra; I= indefinido

TABELA 10

Atitudes de educadores sobre a inclusão do aluno surdo

(considerando experiência no ensino de aluno surdo)

experiência	Escola Estadual				Escola Municipal				Total				total
	F	R	C	I	F	R	C	I	F	R	C	I	
sem exp.	23	60	124	3	51	110	86	2	74	170	210	5	459
exp. anterior	5	25	25		6	20	12		11	45	37		93
exp. atual	12	14	9		2	9	2		14	23	11		48
Total	40	99	158	3	59	139	100	2	99	238	258	5	600

F= a favor; R= com restrições; C= contra; I= indefinido

Os educadores a favor da inclusão argumentaram sobre a importância da socialização do surdo entre outros alunos da escola regular, falaram dos direitos iguais, da importância de lutar contra a discriminação. É interessante perceber que nenhum educador utilizou o argumento de que na escola comum o surdo teria acesso a conteúdos curriculares importantes para a formação humana. Ou seja, o objetivo primeiro da escola, que a nosso ver, é a transmissão de conhecimentos, não foi utilizado para argumentar a favor da inclusão, mas sim a socialização e a aceitação do surdo. Os educadores que se colocaram contra a inclusão também utilizaram o argumento dos direitos do surdo, mas neste caso com o viés de que o surdo tem direito a ensino especializado, que respeita sua diferença. Também assinalaram a falta de preparo do professor e da escola para lidar com a problemática específica do surdo. Os educadores que apontaram restrições para a presença do aluno surdo na escola reivindicaram número menor de alunos, apoio de especialista para o surdo e/ou para o professor, remuneração adicional para o professor, acesso a recursos didáticos e entrada do surdo somente após conclusão do processo de alfabetização.

Atitudes frente à língua de sinais

No que se refere a atitudes frente à língua de sinais, foram criadas as seguintes classes, com base nas respostas dos educadores:

- a) Seguro. (Exemplo: *“já trabalhei com surdo e não tive problema para aprender sinais”*).
- b) Atitude de interesse (Exemplos: *“Acho super interessante. Gostaria de aprender a usá-la”* ou *“Uma maneira diferente para se comunicar e muito eficaz. Interessante e que inspira curiosidade”*).
- c) Disponível para aprender, apesar de achar difícil (interesse com receio). (Exemplos: *“Sinto-me um pouco embaraçada, mas não é algo impossível”*; *“Confusa e curiosa”*).
- d) Atitude de receio, não disponível para aprender, neutro, (receio). (Exemplo: *“No momento acho bastante difícil por não ter os conhecimentos sobre esta linguagem”*).
- e) Contra. (Exemplo: *“Deveria ser abandonada, pelo menos na escola. É preciso tentar ensinar que a criança fale”*).
- f) Não se posiciona, teoriza. (Exemplo: *“Através dos sinais, a comunicação é global e universal, por isso sinto que a necessidade deles é essencial”*).

A classe “receio” foi a mais usada pelos educadores que relataram que se sentem inseguros, despreparados, com muitas dificuldades, aflitos, confusos por não terem convivência e preparo para isso. Alguns poucos se colocam contra o uso da língua de sinais na escola. Na classe “teoriza”, foram incluídas respostas nas quais o educador não se posicionava pessoalmente, pelo contrário, teorizava sobre a língua de sinais. A tabela abaixo revela os dados relativos à atitude dos professores frente à língua de sinais, comparando educadores da rede estadual e municipal, considerando faixa etária (Tabela 11) e experiência anterior com aluno surdo (Tabela 12).

Em contraste marcante com a eleição de cena preferida, na qual a mais citada foi a do menino surdo ensinando alguns sinais, foi bastante acentuada a posição de receio dos educadores quanto à sua disponibilidade para conhecer a língua de sinais. Apenas uma pequena parte dos educadores afirmaram sentirem-se seguros no conhecimento da língua de sinais e/ou disponíveis, interessados e desejosos de ampliar seus conhecimentos nesta área. A maioria demonstrou atitude de receio e em alguns casos, resistência acentuada frente ao contato ou aprendizagem desta língua. Outro grupo de professores demonstrou interesse e disponibilidade para conhecer os sinais, apesar do quanto isto poderia ser difícil. Ao cruzarmos as respostas deste item com o fator faixa etária e modalidade de escola (Tabela 11) e experiência de ensino do aluno surdo (Tabela 12), percebemos que os professores das escolas municipais apresentam atitudes mais positivas frente à língua de sinais, possivelmente porque o fator idade interfere mais do que a experiência. Ou seja, os professores municipais são mais novos e mais interessados na língua de sinais do que os professores estaduais, embora estes tenham maior experiência com alunos surdos. Os educadores com experiência no ensino do surdo se mostraram um pouco mais seguros, e menos receosos do que o grupo sem vivência.

TABELA 11

Atitudes de educadores frente à língua de sinais

(considerando a faixa etária)

Faixa etária	Escola estadual					Escola Municipal					Tot.
	I/S	I/R	R	C	S/p	I/S	I/R	R	C	S/p	
20 a 29 anos	6	2	16	1	1	36	7	50		7	126
30 a 39 anos	16	18	90	3	8	29	24	79	1	6	274
+ de 40 anos	13	16	95	7	8	8	6	43		4	200
Total	35	36	201	11	17	72	37	172	1	17	600

I/S = interessado, seguro; I/R = interessado com receio; R = receio; C = contra;

S/p. = sem posição

TABELA 12

Atitudes de educadores frente à língua de sinais

(considerando experiência no ensino de aluno surdo)

experiência	Escola estadual					Escola Municipal					Tot.
	I/S	I/R	R	C	S/p	I/S	I/R	R	C	S/p	
sem exp.	18	23	153	7	9	62	32	142		13	459
exp. anterior	11	4	32	3	5	7	4	23	1	3	93
exp. atual	6	9	16	1	3	4	1	7		1	48
Total	35	36	201	11	17	72	37	172	1	17	600

I/S = interessado, seguro; I/R = interessado com receio; R = receio; C = contra; S/p. = sem posição

Com finalidade didática, a tabela abaixo agrupa escolas estaduais e municipais, e mostra a influência dos de fatores faixa etária e experiência de ensino do surdo sobre a atitude frente à língua de sinais. Para tanto, foram tabulados apenas os extremos e os dados foram apresentados em porcentagem. Desta forma, percebe-se claramente um índice mais alto de interesse e segurança para os educadores mais jovens, com diminuição do receio, com a situação oposta para educadores acima de quarenta anos. O fator experiência de ensino parece influir menos nos índices de atitude, embora se perceba uma porcentagem um pouco mais alta de receio nos educadores sem experiência do que no outro grupo.

TABELA 13

Atitudes de educadores frente à língua de sinais

(considerando a faixa etária em porcentagem)

Faixa etária	Escola estadual + Escola Municipal					Tot.
	seguro	interessado	interessado/ receio	receio	contra	
20 a 29 anos	8%	28%	8%	55%	1%	100%
+ de 40 anos	2%	10%	12%	72%	4%	100%

TABELA 14

Atitudes de educadores frente à língua de sinais

(considerando experiência no ensino de aluno surdo em porcentagem)

Faixa etária	Escola estadual + Escola Municipal					Tot.
	seguro	interessado	interessado/ receio	receio	contra	
Sem exp.	3%	15%	13%	67%	2%	100%
Com exp.	7%	15%	14%	60%	4%	100%

Quando cruzamos os dados de opinião sobre o vídeo com os dados sobre a posição do educador frente à inclusão/ integração, o resultado se mostrou bastante significativo. Percebemos que todos os educadores com forte resposta negativa sobre o vídeo eram contra a inclusão ou apresentavam fortes restrições a este movimento. Poucas respostas negativas sobre o vídeo eram a favor da inclusão. Isto sugere que a opinião negativa dos educadores sobre o filme estava se contaminando pela temática abordada, refletindo uma resistência em avaliar com objetividade um recurso que abordasse o assunto. No caso da experiência anterior

Conclusão

Do ponto de vista da avaliação do impacto do vídeo na comunidade, a devolutiva das escolas nos permitiu perceber que o filme, em geral, está sendo bem aceito e está atingindo o objetivo de promover a reflexão do professor frente à inclusão do aluno surdo no ensino regular. Quando a universidade tem oportunidade de aliar a pesquisa e a produção de conhecimento sobre problemáticas educacionais relevantes a um projeto que contribui para a melhoria do ensino, isso é muito positivo.

O espaço da universidade promove encontros entre pesquisadores, e facilita o acesso a conhecimento produzido por estudiosos não somente do Brasil, mas de centros de estudos da surdez de outras partes do mundo. Assim, temos a possibilidade e a responsabilidade de contribuir para a melhoria do ensino da criança surda na escola pública por intermédio de projetos como este, no qual se oferece um apoio concreto ao professor na forma de um instrumento para reflexão, que, por sua vez reverte na produção de um novo corpo de conhecimentos sobre o ponto de vista do professor. A partir dos questionários coletados nas escolas, tivemos a possibilidade de analisar a eficácia do vídeo entre os educadores. No entanto, mais do que buscar nas respostas dos professores indícios de que eles tenham gostado da fita que receberam, este estudo pretendeu dar voz aos professores,

para que se pudesse perceber o que eles tinham a dizer sobre a inclusão, sobre a sua própria atuação pedagógica com alunos com necessidades especiais.

Entre os dados levantados, um merece destaque: é significativo o número de professores de escolas estaduais que já deu aula para alunos surdos ou tem um aluno surdo em sua classe atualmente. **Trinta por cento** já viveu esta experiência em algum momento de sua carreira docente. Entre os professores municipais, o número é menor (cerca de 17 %). Pelo que nossos dados indicam, tal vivência não parece tornar os professores mais seguros de sua capacidade para receber alunos surdos na escola. Os professores, na sua devolutiva escrita, clamaram por mais informações, por orientações de especialistas, por cursos e preparação, para enfrentar o desafio de ensinar alunos com surdez. Quem vai assumir este importante espaço de atuação na escola? O governo? A Universidade?

Neste sentido, pensando também sobre a produção de material áudio-visual para a escola, é de fundamental importância que se investigue com o principal interessado, o professor, como ele está recebendo e avaliando os recursos produzidos para ele (CITELLI, 2000). Assim, foi importante para nós que produzimos o vídeo perceber, através dos questionários, que muitos educadores sentiram falta de uma metodologia mais evidente na fita. De fato, embora o filme esteja carregado de sugestões, elas se encontram nas entrelinhas e precisam ser buscadas por cada educador, segundo a sua própria vivência de sala de aula.

Outros educadores mostraram que, para eles, a linguagem do desenho animado prejudica a credibilidade da informação, e que eles gostariam que o vídeo fosse um documentário com entrevistas de surdos reais em sala de aula com 40 alunos. Vários indicaram que prefeririam um filme com especialistas (médico otorrino, por exemplo) dando orientações técnicas e práticas. Percebemos que muitos professores não tinham uma referência clara sobre a origem da fita e seus objetivos, e por isso tinham expectativas que não foram atingidas pelo vídeo, já que não era intenção deste filme oferecer instrução metodológica de forma didática. Se houver outra distribuição de fitas, deverá ocorrer a elaboração de um texto de apresentação, com a função de situar a natureza deste instrumento para as escolas.

Do ponto de vista da linguagem cinematográfica, cabe refletir com o apoio de autores como MACHADO (1998), sobre o fato de os professores não considerarem que

depoimentos na forma de imagem desenhada ou metafórica sejam veículos válidos na transmissão de informações ou idéias. Será que a “cena real” é sempre reveladora de verdades? Um depoimento de profissional nunca sofre riscos de traduzir inverdades?

Finalizando, devemos ainda apontar que, apesar do número pequeno de questionários que assinala a presença de alunos surdos nas escolas municipais e estaduais, esta realidade já existe e está sendo enfrentada pela escola, pela família e pelo aluno surdo. As necessidades desta minoria já justificam uma atenção especial, independentemente dos posicionamentos dos profissionais sobre a polêmica questão do ensino na instituição especializada ou a inserção na escola. As próprias professoras indicaram que mesmo se sentindo “analfabetas”, “surdas”, “afritas” frente à língua de sinais por exemplo, há disponibilidade para aprender e enfrentar o grande desafio de receber na escola pessoas que têm maior facilidade com outro sistema de linguagem e comunicação.

Referências Bibliográficas

- BELLÉS, R. ¿Qué dicen los sordos adultos de la educación de los niños sordos? *Infancia y aprendizaje*: v. 69-70; p. 61-74. 1995.
- CITELLI, A (coord.). *Outras linguagens na escola – publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GESUELI, Z.M. A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais. Campinas, SP, 1998. 164 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.
- GÓES, M.C. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas, Autores Associados, 1996.
- LACERDA, C. A questão comunicativa na experiência escolar de alunos surdos.
- LACERDA, C. e PANHOCA, I. (org.) *Tempo de fonoaudiologia*. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 1997. p. 125-135.
- LUCHESE, M.R. *Histórias de vida – uma possibilidade de compreensão do surdo*. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado). PUC-SP.
- MACHADO, A. *A arte do vídeo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- NÓVOA, A. (org.). *Vidas de Professores*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.

PERLIN, G.T. e QUADROS, R. Educação de surdos em escola inclusiva? *Espaço*. V. 4 , n.7: p.35-40, 1997.

SÁ, M. R. Escola inclusiva: confrontando o paradigma. *Espaço*. V. 4 , n.7:p. 29-34, 1997.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOUZA, R. *Que palavra que te falta? Lingüística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TORQUATO, A.R.; SANTOS, C.; MENDONÇA, J.; e GUIDO, A.S. Caminhos e reflexões sobre a integração do aluno deficiente no ensino regular: contribuição da Faculdade de Educação da Puccamp.” *Resumos do II Encontro de Iniciação Científica*. 1996: Puc-Campinas, Campinas: 10-12 de setembro.

Anexo 1

Roteiro do vídeo “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo”

Cenas e tipo de imagem	áudio (música, sons e narração)
Bloco 1 - Abertura	
1. toca o telefone e mão pega o bocal (desenho animado)	trim... trim...
2. bocal na lateral e letras saem do bocal para formar o título (animação de papéis recortados)	fundo musical - percussão aleatória
3. mãos de crianças organizam letras para formar o título (inversão de filmagem tempo real de mãos desmanchando título em letras recortadas)	frase musical (1) “Professor, aqui quem fala é seu aluno surdo”
4. criança tira aparelho auditivo, coloca na mesa e desenha o aparelho (filmagem em tempo real)	sem som após tirada do aparelho
5. <i>close</i> no desenho do aparelho (desenho animado)	percussão

Bloco 2 – O aluno surdo, a escola e o grau de perda auditiva	
6. auto-retratos: crianças caminhando alternando com rostos (desenho animado)	melodia retorna
7. a escola: fotografias e respectivos desenhos (seqüências alternadas em metamorfose)	fundo musical som de recreio
8. criança anda até porta, entra na sala e entrega audiometria à professora (desenho animado)	
9. desenho da audiometria mostrando perfil de surdez (desenho animado)	“Prelúdio de Carmem”, com tratamento que elimina som em 500, 1000, 2000 e 4000 Hertz
10. auto-retrato seguido de objetos animados (desenho animado)	“Eu tenho uma perda auditiva de 75 decibéis. Eu não consigo ouvir um martelo, nem um sino. Mas eu consigo ouvir um tambor e um helicóptero”. Sons de martelo, sino, tambor e helicóptero
11. auto-retrato seguido de objetos animados (desenho animado)	“Eu tenho uma perda de 50 dB. Eu não escuto uma torneira pingando ou o tique-taque de um relógio. Eu consigo ouvir um telefone e um avião decolando.” som de torneira, relógio, telefone e avião
12. auto-retrato seguido de objetos animados (filmagem em tempo real da frase em Libras) (desenho animado)	“Eu tenho uma perda de 95 dB. Não consigo ouvir nem sirene, nem pessoas falando.” sons de sirene e fala
Bloco 3 – Descrevendo a vivência inicial na escola	
13. Dificuldade na escola (desenho animado)	“Quando eu entrei na escola, eu não entendia nada.”

14. Isolamento na escola (animação com papel recortado e objetos)	“Minha professora não falava comigo porque eu era surda.”
15. Dificuldade para definir identidades (animação de desenho recortado)	“Eu não sabia que minha professora tinha nome.”
16. Sensação de impotência na escola (filmagem em tempo real de bolinhas rolando)	“Eu nunca sabia o que era pra fazer.”
17. Necessidade de dominar a linguagem (animação com massinha)	“Primeiro eu aprendi palavras. Depois eu aprendi a formar frases. Agora eu sei ler.”
18. Reconhecimento de dificuldades na linguagem (desenho animado de texto escrito)	“Mas escrever é difícil.”
19. Crianças jogando bola (Filmagem em tempo real de fantoche de dedo)	som de recreio
Bloco 4 – Descrevendo a prática do professor	
20. Professora fala sem ser compreendida (desenho animado)	“Eu tenho uma professora que fala com a boca assim.”
21. Professora explica novamente (desenho animado)	“E quando você não entende?” “Ela explica de novo!”
22. Professora só usa a fala (animação em papel recortado)	“Minha professora de ciências é chata. Ela fala muito rápido.”
23. Professora usa escrita como apoio (animação de bonecos de massinha)	“Minha professora de português é legal. Ela fala e escreve na lousa.” Poesia “A língua do Nhém”
24. Explicações com exemplos de bichos (cobra, peixe, gatos) (desenho animado)	“É fácil aprender quando ela fala, explica e escreve.” “É bom quando ela dá exemplos.”

Bloco 5 – Estratégias de sobrevivência e sugestões para a escola	
25. Ditado (animação de figuras recortadas)	“Agora vamos fazer um ditado: pêssego... cenoura... hospital... inteligente...”
26. Aluno se apóia nos amigos (animação em tempo real de figuras de papel)	“Eu pego o caderno do meu amigo para copiar.”
27. Amigos do aluno surdo (animação de massinha)	Fundo musical
28. Família do aluno surdo (filmagem em tempo real de seqüência de desenhos)	“É bom falar com a família. O professor pode perguntar para os pais como explicar para o surdo.”
29. Professora treina alfabeto digital (animação em massinha)	“Minha mãe deu papel com alfabeto para minha professora e ela aprendeu.” “Professor precisa comprar livro de sinais.”
30. Aprendendo alguns sinais de LIBRAS (filmagem em tempo real de menino sinalizando)	“Tem que aprender língua de sinais.” “casa, banheiro, água, falar, sentar, fazer, sede, calma, atenção, amar.”
31. Ciranda de auto-retratos (animação de figuras recortadas)	fundo musical
32. Mão dando tchau (desenho animado)	fundo musical
33. Nomes das crianças (créditos) (desenho animado)	fundo musical
34. Créditos (filmagem invertida de tecelagem em papel)	fundo musica